

Fabiana Leis é pivô de escândalo

Secretária do presidente uruguaio revela segredos em dossiê a que BECOOL teve acesso.



A secretária do presidente uruguaio Fabiana Leis é pivô de um escândalo que envolve uma série de fotos às quais BECOOL teve acesso no último mês. As fotos, tiradas em diversos períodos, revelam segredos íntimos da secretária de José Mujica, como os lingerie que ficam melhor nela, as poses que a deixam mais bonita e uma tendência a supostamente agradar às nossas vistas. As fotos foram obtidas em diversas fontes e podem afetar a imagem do Uruguai. Pag. 28

Alguém lucra com situação dos presídios no Maranhão, diz jornalista.

O jornalista Luiz Mendes disse, em artigo republicado hoje em BECOOL, que desconfia que alguém tira “alguma vantagem” da situação dos presídios no Maranhão. Para ele, a situação no estado é causada pela “oligarquia no poder há décadas naquele Estado”. Pag. 8

Gilmar ajudou Dantas a virar o jogo, diz autor de livro

O jornalista Rubens Valente, autor do livro *Operação Banqueiro*, afirmou em entrevista no último mês que Gilmar Mendes ajudou o banqueiro Daniel Dantas a virar o jogo após as acusações da Operação Satiagraha. “A alteração de regramentos se deveu ao empenho pessoal de Mendes”, disse. Pag 22

Transmissões esportivas na Internet crescem e ameaçam TVs tradicionais. Pag. 20



RevistaBecool



@becoolmagazine

BeCool



SEÇÕES E COLUNAS

4 | CARTA AOS LEITORES

TWITFEED

5 | MULHERES QUE AMAMOS

Rihanna

6 | SETLIST

Pra refrescar

7 | ROTEIRO SP

Fevereiro de 2014

44 | FAZ SENTIDO?

O troco ao trote

45 | CRÔNICA

Uma dieta pra engordar

46 | CHARGE

de que alguém está lucrando

12 | 7 PERFUMES PARA O VERÃO

Sete dicas para você não cair na mesmice

18 | REVOLUÇÃO DAS CERVEJAS

A BrewDog inaugura em São Paulo seu primeiro bar fora da Europa

20 | COMO A INTERNET REVOLUCIONA AS TRANSMISSÕES ESPORTIVAS

Quem perde com isso é a TV

22 | ENTREVISTA

Rubens Valente

28 | ENSAIO

Fabiana Leis

40 | COMO CONQUISTAR UMA TÍMIDA

Não pense que você vai tirá-la do castelinho

MATÉRIAS

8 | PEDRAS, PEDRINHAS

A única certeza sobre a situação no Maranhão é

ENTRE EM CONTATO

Facebook: RevistaBecool

Twitter: @becoolmagazine

E-mail: adngui@gmail.com

Carta aos leitores

A ideia desta capa não é necessariamente inédita - ela remonta ao ano de 1955, quando a Playboy ainda não mostrava pelos pubianos e raramente mostrava dois seios juntos. Foi em setembro daquele ano que a revista fez uma capa bastante conceitual: imitando um jornal, dava como "manchete" a foto da Playmate do mês. Em cima do jornal, havia alguns apetrechos, como um par de luvas e uma chave. Vale a pena procurar!

Foi de nossa colaboradora Mônica de Souza a ideia de aproveitar essa capa para fazer a nossa, aproveitando o fato de que a modelo que a ilustra é Fabiana Leis, secretária do presidente uruguaio José Mujica. O jornal é bastante parecido com uma Folha de S. Paulo, mas é bem "paródia" e segue o padrão da borda preta que nos diferencia. Não foi um trabalho de arte difícil, mas foi bem recompensador.

E Fabiana Leis aparece em fotos bem reveladoras no ensaio do mês. Aliás, conjunto de ensaios em que a secretária aparece em diversas formas, biquínis e até cabelos! Uma compilação que vale a pena conferir. Temos também uma matéria sobre como se aproximar de uma mulher tímida, até porque nem todas as mulheres são desinibidas e cheias de autoestima. Útil pra quem está em busca de companhia para o verão.

Dentre as reportagens sérias - e que validam a aparência de jornal da capa -, o destaque vai para uma ótima reflexão sobre a situação dos presídios no Maranhão e uma entrevista com Rubens Valente, autor do livro Operação Banqueiro, que conta como Gilmar Mendes livrou Daniel Dantas da cadeia. É estarrecedor!

Tem também a estreia da marca BrewDog no mercado brasileiro de cervejas, 7 dicas de perfumes para o verão, uma reflexão sobre a forma como a Internet revoluciona as transmissões esportivas, Rihanna em Mulheres que amamos, uma Setlist pra te refrescar nesse calor, o melhor do Twitter, o roteiro dos paulistanos no mês, uma charge e as colunas de Mônica de Souza e Alberto Vilas.

Extra! Extra! A BECOOL 17 já está no ar com as informações mais quentes do mês para o homem moderno. Boa leitura!



TWITFEED



@magnamoreira_: Meus amigos são chiques. Não me mandam pornografias via whatsapp...(segundo critério de Gloria Kalil)



@jufreitascscs: <--- pôs sorvete na taça. Viu calda de chocolate na geladeira. Tascou a calda no sorvete. Não era calda, era caldo.

De carne. Fim!



@meninanaopode: se machucar de um jeito muito idiota e ter que fingir que doeu menos que de fato doeu



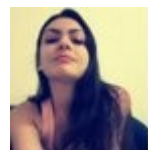
@estadodecirco: Pela imagem e som da Record News, acho que estou vendo #Sochi1958, não #Sochi2014



@mauro_beting: Se eu soubesse escrever o nome da Sheherazade (leia-se Sochi O'Connor) eu até me posicionaria a respeito



@Crentassos: O Batman do Leblon vai participar da próxima novela do Manuel Carlos #ProgramaPiloto



@Ex_Panicat: eu empreguei 40 pessoas já é o remake do eu sou cineasta e ganho bem pra caralho?

MULHERES QUE AMAMOS

A full-page photograph of Rihanna performing on stage. She is wearing a leopard-print crop top, a white skirt with a large bow, and a gold chain necklace. She has her eyes closed and a joyful expression, with her mouth open as if singing. The background is dark with stage lights.

Rihanna

Rihanna levava uma vida normal até entrar na mira de Evan Rodgers, um produtor de Nova York que curtia férias em Barbados com a esposa. Ele foi o responsável por apresentar a cantora a Jay-Z, marido de Beyoncé, um dos grandes cabeças da gravadora Def Jam Records. Ele a ouviu cantar e soube que faria sucesso – na época, Rihanna tinha apenas 16 anos. A partir de então, sua carreira deslanchou.

Tendo como referências musicais nomes como Alicia Keys, Destiny's Child, Madonna, Mariah Carey, Whitney Houston e Bob Marley, Rihanna entrou para o hall da fama emplacando um sucesso atrás do outro. Músicas como Hate That I Love You, Umbrella, Shut Up And Drive e Don't Stop The Music fizeram história em listas importantes como a da revista Billboard e a projetaram cada vez mais para o mundo.

Rihanna também gosta de polêmica e, por várias vezes, foi alvo de críticas por seu comportamento e pela apologia ao uso de maconha. Mas o caso mais emblemático tem a ver com um dos períodos mais conturbados da sua vida pessoal: o namoro com o também cantor Chris Brown.

Em 2009, ela foi agredida pelo parceiro em uma festa. As fotos da agressão foram parar na Internet e o cantor foi julgado e obrigado a prestar serviços comunitários como punição. Quatro anos depois, apesar de ser criticada por ter perdoado o erro, Rihanna voltou para os braços de Chris e, entre idas e vindas, continuam juntos.

De qualquer forma, Rihanna não sai dos holofotes e, cheia de curvas e com sensualidade à flor da pele, é uma das mulheres que amamos.

Pra refrescar

Quando esta revista já estiver no ar, a onda de calor que atinge a região Sudeste ainda não terá passado e a chuva que tanto esperamos seguirá longe. No Nordeste, a coisa também está exagerada no que diz respeito ao calor. Como essa onda ainda vai persistir por um tempo, decidimos contribuir para um clima mais seco e separamos cinco músicas que devem refrescar todo mundo no verão que ainda está longe do fim.



4. Calvin Harris ft. Example — We'll Be Coming Back

É impossível ficar parado com uma música assim, "We'll Be Coming Back" é ótima para correr, pular, se exercitar e fazer todas aquelas coisas que o calor praticamente te proíbe de fazer. Quer sensação mais refrescante que essa? Quarto lugar!



2. Lorde — Royals

Sucesso arrasa-quarteirão da cantora britânica de supostos 17 anos, "Royals" tem uma pegada R&B que é ótima para se refrescar nos ouvidos e na mente. Tranquila, sem desvalorizar as referências do soul, a música é uma ótima pedida para quem quer passar suas tardes de calor na companhia de boa música.

1. Red Hot Chili Peppers — Snow (Hey Oh)

Pensar em neve é sempre bom pra refrescar e essa música dos Red Hot Chili Peppers dá pro gasto. Além do mais, a própria sonoridade da música ajuda sua mente a se refrescar sem perder o ritmo necessário pra você se mexer. É nossa primeira medalha de ouro que pode ser levada a sério. Conseguimos!



5. DJ Antonie vs Timati ft. Kalenna — Welcome to St. Tropez

Atire a primeira pedra quem não gostaria de estar em uma praia deitado numa rede tomando água de coco... Nossa quinta posição vai fazer você se sentir numa das praias mais visadas do mundo com todas as regalias possíveis. É só relaxar e curtir!

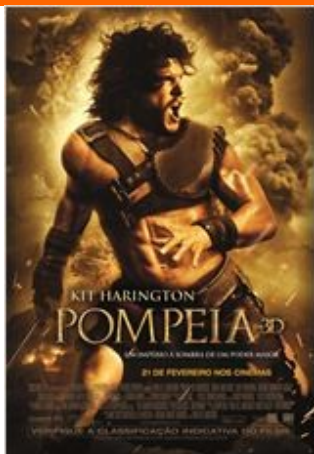


3. Florence + The Machine — Bird Song

Uma música de sonoridade simples, mas com ritmo bem barulhento. "Bird Song" é uma música interessante para se refrescar e possui uma certa dose de agito pra você não ficar demais na preguiça. Recomendável para quem quer refrescar e despoluir sua mente.



ROTEIRO SP



Filme: Pompeia

Alguns dias antes da lendária erupção do monte Vesúvio, o escravo Milo (Kit Harrington) está preso dentro de um navio, em direção à Nápoles. Ele vai fazer de tudo para escapar e salvar a mulher que ama, além de ajudar o seu melhor amigo, um gladiador que está em dificuldades no interior do Coliseu.



CD: Shangri La

(Universal, R\$ 28) 2013 foi o ano que revelou e consagrou Jake Bugg como um dos novos favoritos da música britânica! O novo álbum, Shangri La, já chega com ares de clássico! Produzido por Rick Rubin, o disco mantém as raízes folk de Jake e traz novas referências mais rock'n roll, como se ouve no single "What Doesn't Kill You". Nas novas letras, Jake mostra mais maturidade mas ainda descreve o turbilhão de emoções que é ser adolescente.



Balada: Cio

Uma das mais tradicionais noites paulistanas, a Cio acontece sob o comando dos experientes Magal e Gláucia ++ na Lions. A festa é regada a new electronic, old future, disco, house, electro, techno e 80's. Nesta quarta, a edição é cheia de clássicos e tem os anfitriões e Disko Selectors nos pick-ups. Quartas às 23h30 no Lions Night Club. Avenida Brigadeiro Luís Antônio, 277 - 1º andar - Bela Vista - São Paulo - SP - Tel.: (11) 3104 7157. Porta - consumo: R\$ 60,00. Lista - consumo depois da 1h: R\$ 40,00.



Livro: 47 Ronins

(Novo Século, 216 páginas, R\$ 30) Em 1701, no Japão medieval, um heroico grupo de guerreiros samurais parte em uma jornada a fim de vingar a morte de seu mestre, ainda que para isso seja necessário desafiar ordens do poderoso xôgum. A incrível saga destes 47 homens, rebaixados à condição de ronins (samurais sem mestre), se tornará uma das mais belas e famosas lendas da história japonesa. Em um complexo jogo de lealdade e honra, o código samurai é levado a seu limite, mostrando que existem missões maiores que a própria vida.



Show: Laura Pausini

Laura Pausini volta a São Paulo em 2014. A cantora italiana, que tem público fiel em terras brasileiras, se apresenta dias 19 e 20 de fevereiro no Credicard Hall. Laura inicia a turnê da coletânea que celebra 20 anos de carreira em novembro em Palalottomatica, na Itália. Depois, a cantora passa por França, Bélgica, Suíça e Espanha antes de chegar a capital paulista. No repertório da nova turnê, Pausini relembra sucessos como "Strani Amori", "Incancellabile", "Recopilaciones", "La Solitudine" e tantos outros. Avenida das Nações Unidas, 17955 - Vila Almeida. Ingresso: R\$ 90 a R\$ 550.



PEDRAS, PEDRINHAS

Há várias especulações sobre o que provocou a violência no presídio do Maranhão, mas a única certeza é que alguém está lucrando

Por LUIZ MENDES

8 revistabecool.blogspot.com



D

esci os cinco andares que nem vi; passei voando. De repente já estava lá no andar térreo e correndo para todos os lados, na inútil busca por saídas. Na galeria do primeiro pavilhão era possível ver poças de sangue e ouvir os tiros. Era rebelião, as galerias da penitenciária estavam enfumaçadas por bombas. A polícia vinha invadindo e atirando a esmo; os olhos e a garganta ardiam e não se via quase nada. Corri com a alma presa aos dentes como uma faca. Companheiros caíam à frente e os tiros pipocavam, parecia corrida de obstáculos. Zorelha corria a meu lado e caiu, nem olhei para trás; dei todo gás que ainda dispunha.

PEDRINHAS



Quando alcancei o terceiro pavilhão, um sujeito bem gordo me ultrapassou, nem sei como, todo esbaforido, com os olhos arregalados de medo e suando como um porco. Alguns companheiros que cuidavam das portas para a polícia não invadir de surpresa o pararam. Ele era tido e havido como "agente" da polícia; um maldito cagueta. Os policiais pararam de atirar. Queriam negociar. Provavelmente só então confirmaram as suspeitas de que os 52 funcionários que permaneceram na prisão estavam reféns dos presos rebeldes no fundo do terceiro pavilhão.

O gordo que viera comigo foi sendo empurrado a facadas para a galeria de baixo, no porão, onde ficamos quase todos. Quando chegamos ao pé da escada, cerca de 3 ou 4 companheiros o juntaram a facadas. Atravessaram o infeliz de um lado ao outro dezenas de vezes. Ele só arregalava mais os olhos a cada facada e soltava o ar com que vomitasse. Acho que quando caiu já estava morto. Seu uniforme claro estava todo avermelhado de sangue. Gravaram uma viga de ferro no peito do infeliz. Um de seus inimigos deu a ideia da degola e logo apareceram outros para executar. O sujeito era odiado de fato. Puxaram os cabelos da vítima para trás e expuseram sua garganta. Ao lado, um outro inimigo,

com uma enorme faca de cozinha, fez um corte longo e profundo. O sangue espirrou longe, manchando a todos por perto, inclusive minha calça (só percebi dias depois). Inexperiente, tentou serrar o osso do pescoço e demorou aterrorizantes minutos. O sujeito havia espalhado malquerença, porque o ódio ali parecia profundo. A faca virou machado e, de repente, o outro preso que fazia pressão puxando os cabelos da vítima, caiu com a cabeça sangrando nas mãos.

Assistia aquela crueldade estático, sem acreditar no que estava vendo. Quis fugir àquele horror, aquele corpo sem cabeça e aquela cabeça sem corpo, mas tudo aquilo parecia me hipnotizar, não conseguia tirar os olhos. Só sabia dizer: "Nossa, nossa, nossa..." Meus pés pareciam cimentados no chão. Quando consegui me mover senti uma dor grossa atravessando os ossos. Eu estava baleado. Essa consciência foi a última que tive. Tudo foi sumindo e acho que apaguei. Acordei na emergência do hospital do Mandáqui cheio de dores.

Quando vi aquela filmagem dos corpos amontoados e as cabeças separadas na Penitenciária de Pedrinhas, no Maranhão, tudo aquilo voltou violentamente. Era quase uma continuidade, como

“Assistia aquela crueldade estático, sem acreditar no que estava vendo”.



se ainda eu estivesse preso e novamente me senti hipnotizando. Não conseguia parar de olhar aquelas cabeças sem corpo, tentando ler os olhos, saber o que sentiram, era insano. Não dava para acreditar nos noticiários. Eu já estivera do outro lado do aquário e sabia que as informações eram quase sempre simples chute de jornalista metido a esperto. O que levava aqueles homens presos a tamanho barbarismo; de onde nascera tanto ódio, tanta loucura? Estive preso quase a vida toda e lá dentro não encontrei nenhum bicho ou animal irracional. Encontrei pessoas; presos são seres humanos, humanamente criminosos. No caso que presenci-ei, a vítima havia caído nas mãos daqueles que prejudicava e

esses se aproveitaram da oportunidade para matá-lo com requintes de crueldade. Mas, e agora? As autoridades falaram em guerra de facções pelo poder. Fala-se também de estupros a presos e até a familiares de presos e que toda aquela violência era a revolta daqueles que haviam sido abusados. Mas o que dá para perceber é que ninguém sabe de nada e que estão criando a partir de imaginações férteis. Teriam mais sucesso se trabalhassem com ficção.

Algumas situações já se pode entender: as condições de existência naquele complexo prisional são as piores possíveis. Superlotação, insalubridade, espancamentos, tortura, estupros, abuso do preso sobre o preso... Em suma: toda aquela coleção desconcertante de infelicidades prisionais. Enfim, é um retrato do que acontece em quase todo o país. Há também o caso da oligarquia encastelada no poder há décadas naquele Estado. É de conhecimento geral, não são corretos, para dizer o mínimo. Bertold Brecht, dramaturgo alemão do século passado, dizia que a miséria e a desgraça não vêm como a chuva que cai do céu e sim através daqueles que tiram lucro com isso. Com certeza tem alguém tirando alguma vantagem dessa desumanidade toda. ■



7 perfumes para o verão

Esse cosmético, assim como as roupas, acompanha as estações – e aqui daremos dicas nada óbvias para você não cair na mesmice.

Por RAFAEL NASCIMENTO DE CARVALHO



Lembro de uma viagem que fiz no começo do ano passado para a praia. Logo no primeiro dia três marmanjos recém-chegados de São Paulo sentam ao lado da mesa em que eu estava num bar e, em menos de quinze minutos de papo, percebem que estão usando o mesmo perfume: Light Blue, um eau de toilette bem refrescante que a Dolce & Gabbana lançou em 2007 e tem vendido litros desde então. Recordei essa situação porque decidi não falar desse perfume aqui – e nem de nenhuma outra opção óbvia que te empurraria para qualquer farmácia.

Então, esse texto é para você que quer descobrir um perfume novo para o verão (isso mesmo, assim como o guarda-roupa e o cardápio, os perfumes acompanham a temperatura e também mudam com a estação). Como regra geral, combinam mais com o humor descontraído do clima quente fragrâncias aquáticas, cítricas, florais ou frutadas, e também amadeiradas e picantes.

Depois de uma caprichada garimpada olfativa pelas fragrâncias desse tipo, chamaram atenção as sete opções que fazem parte dessa lista e são nossas sugestões para você experimentar esse verão. Voilã.



#1 DIESEL FUEL FOR LIFE DENIM COLLECTION (Eau de Toilette)

Foi lançado pela Diesel no verão de 2011 como uma versão arejada do Fuel for Life – sucesso de vendas assinado pelos badalados perfumistas Annick Menardo e Jacques Cavallier. É bem menos doce que o original (dessa vez com notas cítricas de limão e laranja bem marcadas), mas segue o mesmo tema. Promete agradar quem é fã da versão tradicional do perfume, pois mantém o característico aroma de framboesa. Ah, e esse casaquinho jeans meio esquisito que vem em volta tem um zíper e dá pra ser retirado.

#2 BULGARI AQUA POUR HOMME MARINE (Eau de Toilette)

Odeia aquele cheiro de desodorante esportivo e quer um perfume fresco mas que passe longe disso? Eis a opção ideal. É uma fragrância ao mesmo tempo aquática e cítrica, refrescante e contemporânea. Lançada em 2008 pela Bulgari, também leva a assinatura de peso de Jacques Cavallier. Cheira a água do mar e dá até para perceber o aroma suave do sal. Parece vir daí a sensação limpa e revigorante que o perfume evoca (com certeza alguma praia paradisíaca e misteriosa era o que Cavallier tinha em mente). Algas marinhas e toranja são as notas que mais aparecem. O preço é salgadinho, mas vale a pena – dá para usar em qualquer ocasião.



Esse texto é para você que quer descobrir um perfume novo para o verão



#3 CALVIN KLEIN ETERNITY SUMMER 2012 (Eau de Toilette)

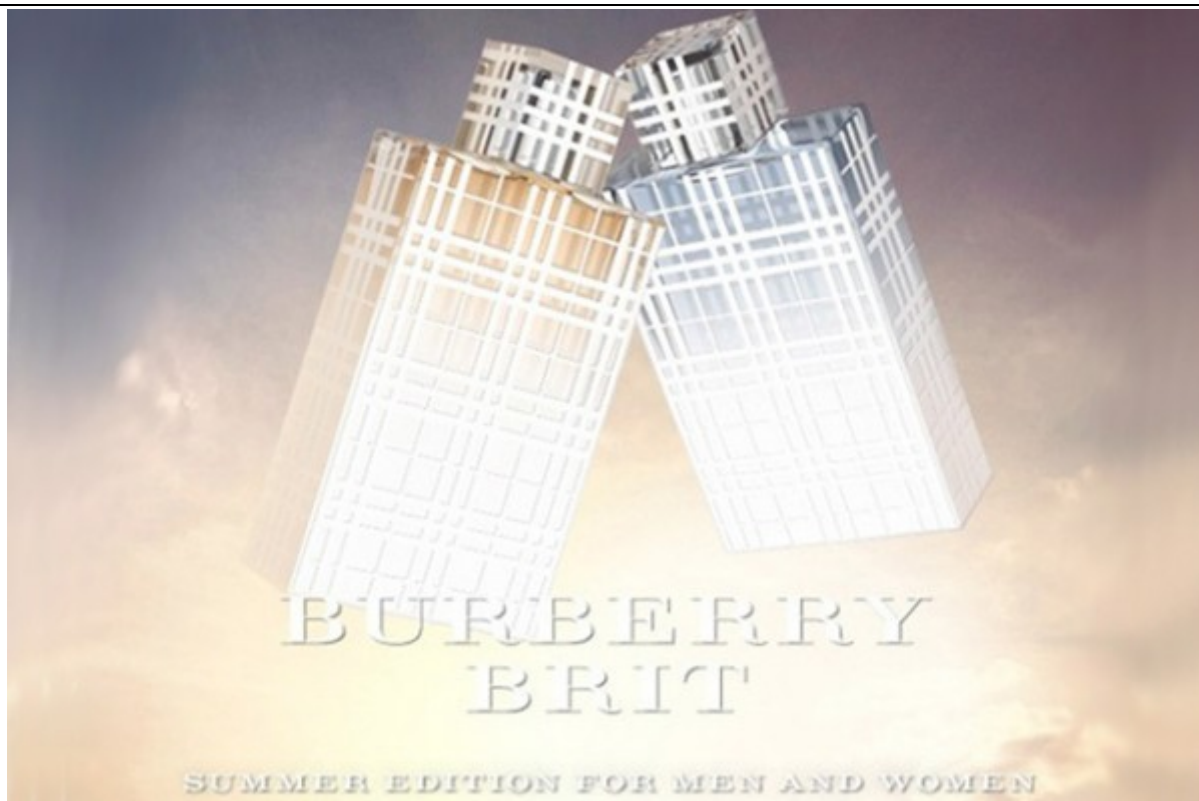
Todo ano a Calvin Klein lança uma versão de verão da sua conhecida fragrância Eternity. São diferentes a cada relançamento e muitas vezes passam longe da original. Aqui no Brasil é fácil encontrar a edição de 2012, considerada por muitos a mais interessante reinterpretação do Eternity. É um coringa, bastante seguro, ideal para quem não manja muito do assunto e tem medo de errar na hora de escolher o perfume. É aquático e frutado, e chama atenção o cheiro bem fresquinho de melão. Tem vocação para o calorão à beira mar, mas nada impede que seja usada durante o dia no escritório. Quem sabe te dá uma sensação de praia enquanto você tá dando duro no trabalho?

Dica: como nas outras fragrâncias da marca, a fixação não é um ponto forte, então é uma boa ideia reaplicar para o efeito durar mais de 4/5h.



#4 COMME DES GARÇONS SERIES 4 CITRICO (Eau de Cologne)

Esse perfume é bem difícil de achar, mas vale o esforço. Comprei há algum tempo pela Amazon da última vez que viajei, e em seis meses o frasco de 125ml já tinha ido todo embora. É uma fragrância bastante cítrica, que mistura diversas notas (como bergamota, limão, néroli) em uma espécie de pomar aromático. Ainda assim, não cai na armadilha de cheirar a suco Tang. Um usuário inspirado do site Fragrantica escreveu: "A sensação é de que você está andando por uma rua cheia de árvores cítricas diferentes, os perfumes mudam, eles se abraçam, tornam-se inebriantes e irresistíveis ao mesmo tempo". Vai entender...



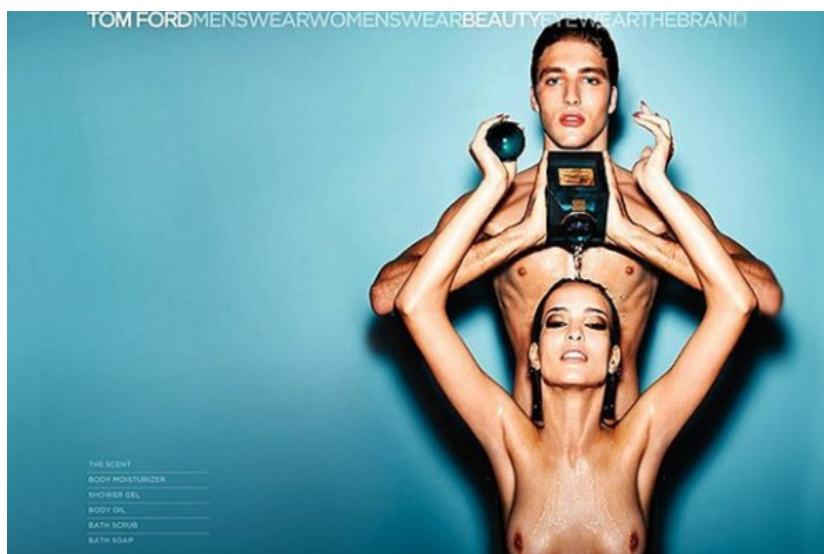
#5 BURBERRY BRIT SUMMER EDITION FOR MEN (Eau de Toilette)

Segundo a marca, a proposta é capturar a essência do verão britânico. Mas quer uma opinião sem firula? Tem aquele cheiro de gente limpinha, de banho tomado e que vive no ar condicionado. Foi lançado em 2012 como uma atualização mais fresca do tradicional Burberry Brit. Continua com aroma doce e amadeirado, mas nessa edição traz uma presença mais forte de notas frutadas, que deixam o efeito geral mais leve. Chama atenção o cheiro curioso de rosa selvagem. Enquanto a maioria dos perfumes da estação são leves e cheios de energia, aqui a sensação é mais cremosa e calmante. Uma ótima opção para quem quer fugir dos cítricos.

#6 TOM FORD NEROLI PORTOFINO (Eau de Parfum)

Fragrância unissex da Tom Ford. Mas não, não tem cheiro de menina. Muito pelo contrário. Uma combinação de cítricos e florais deixa esse perfume mais docinho (e até mais sofisticado) do que as outras fragrâncias cítricas. Merece destaque, como o próprio nome sugere, o aroma do Néroli – pense em flor de laranjeira – combinado com notas de bergamota italiana, tangerina e lavanda, entre outras. A inspiração, claro, é a vila histórica de Portofino, um dos lugares mais visitados da riviera italiana e um dos destinos preferidos do próprio Tom Ford. Clássico e despretensioso, é o perfume ideal para climas quentes. Se você mora em uma cidade com temperaturas altas o ano todo, vale a ideia de tornar esse o seu perfume signature. É garantia certa de elogios de homens e mulheres.


PS: Ele é o único eau de parfum (mais concentrado) dessa seleção, mas também vem na versão body splash, mais diluída.





#7 BLEU DE CHANEL (Eau de Toilette)

O Bleu (azul, em francês) é uma mistura inusitada de cítricos e amadeirados. Trata-se de uma fragrância forte e bastante máscula, que chegou às prateleiras em 2010 e desde então vem dividindo opiniões – há quem ame e há quem odeie. Sem meios-termos. Com um cheiro nada adocicado, as notas que mais aparecem são toranja, incenso, gengibre, vetiver e menta. O nariz por trás dessa criação também é um perfumista de mão cheia: Jacques Polge, responsável pelos perfumes da Chanel há mais de 35 anos. Bastante versátil, também pode ser usada sem medo no inverno brasileiro. ■



Revolução das cervejas

A BrwDog, maior produtora independente de cerveja da Escócia, abriu em São Paulo, na semana passada, o seu primeiro bar fora da Europa.

Por RENAN GEISHOFER



Não há dúvidas de que a cerveja é a bebida alcoólica mais amada pelos brasileiros. A “breja” surge como um grande recurso para dar uma aliviada no calor absurdo dos dias quentes. Mas engana-se quem pensa que cerveja boa é qualquer cerveja gelada; a qualidade é essencial, também. E uma marca que vem trabalhando firme para “cervejeirizar” os consumidores é a escocesa BrewDog que acaba de inaugurar seu bar em São Paulo, o primeiro fora da Europa.

A BrewDog nasceu em abril de 2007, na Escócia, fundada pelos amigos James Watt e Martin Dickie, que estavam cansados de consumir as cervejas fabricadas pelas grandes corporações que dominavam o mercado do Reino Unido. Dessa forma, os caras alugaram um prédio, fizeram alguns empréstimos em bancos e começaram a produzir as primeiras cervejas artesanais que logo passaram a ser vendidas em comércios locais.

“Nossa maior missão quando montamos a BrewDog foi fazer com que outras pessoas ficassem tão apaixonadas por cerveja artesanal como nós”, dizem eles no site da empresa.

Logo em 2008 a cervejaria produziu a Tokyo (cerveja com 18,2% de teor alcoólico). Foi um estouro na mídia por ser uma grande novidade no mercado local que já via a BrewDog como a maior cervejaria independente da Escócia. Em 2009 a marca lançou a venda de ações da empresa por meio digital. Já em 2010, a BrewDog abriu seu primeiro bar na cidade de Aberdeen (Escócia) e ainda faturou a medalha de ouro com a cerveja “Hardcore IPA” na Beer World Cup.

No ano seguinte foram abertos mais bares em Edimburgo (Escócia), Glasgow (Escócia), em Londres (Inglaterra) e em 2012

foram inaugurados mais seis no Reino Unido.

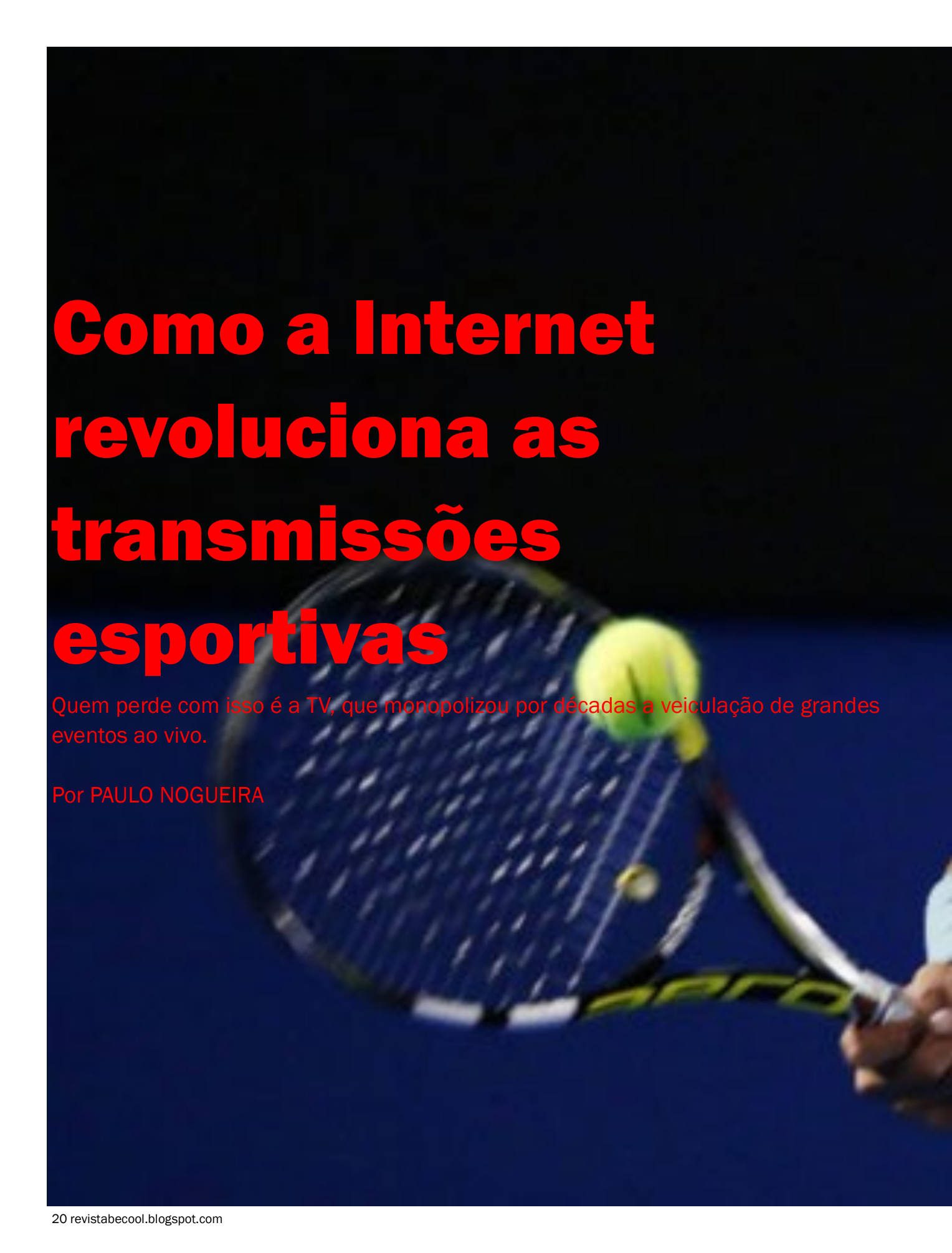
Uma das marcas registradas da cervejaria é a atitude punk. Todos os envolvidos no negócio trabalham focados em um único grande objetivo: apresentar aos clientes e consumidores o que as grandes marcas do mercado não oferecem o sabor e a qualidade de uma cerveja bem produzida. E eles são bem incisivos na forma como apresentam isso.

Por isso, as cervejas BrewDog são produzidas com altos volumes dos ingredientes básicos que devem ser utilizados na fabricação da cerveja: água, malte, lúpulo e leveduras. Além disso, eles são contra a adição de conservantes e outros ingredientes – como o milho – que outras marcas utilizam para baratear custos de produção.

Agora, vamos o que interessa. O bar da BrewDog em São Paulo introduzirá um modelo de serviço despojado e próximo ao que se vê na Europa. O cliente é incentivado a fazer seus pedidos direto no balcão, onde atendentes servem e apresentam rótulos podendo guiar as degustações de quem não conhece o universo cervejeiro. Os próprios atendentes preparam os petiscos e recebem o dinheiro.

O espaço é bem descolado e mantém a aparência de sua antiga função: uma oficina mecânica. Durante o dia um contêiner instalado do lado de fora ficará aberto para vender os rótulos da marca. Dentre as opções de cervejas disponíveis nas 22 torneiras de chope há a Punk IPA (mais famoso rótulo da marca), a Hardcore IPA, a Fake Lager, a Tokyo, a BrewDog Electric India, a Abstrakt AB:14, a Dead Pony Club, a Jackhammer, entre outras.

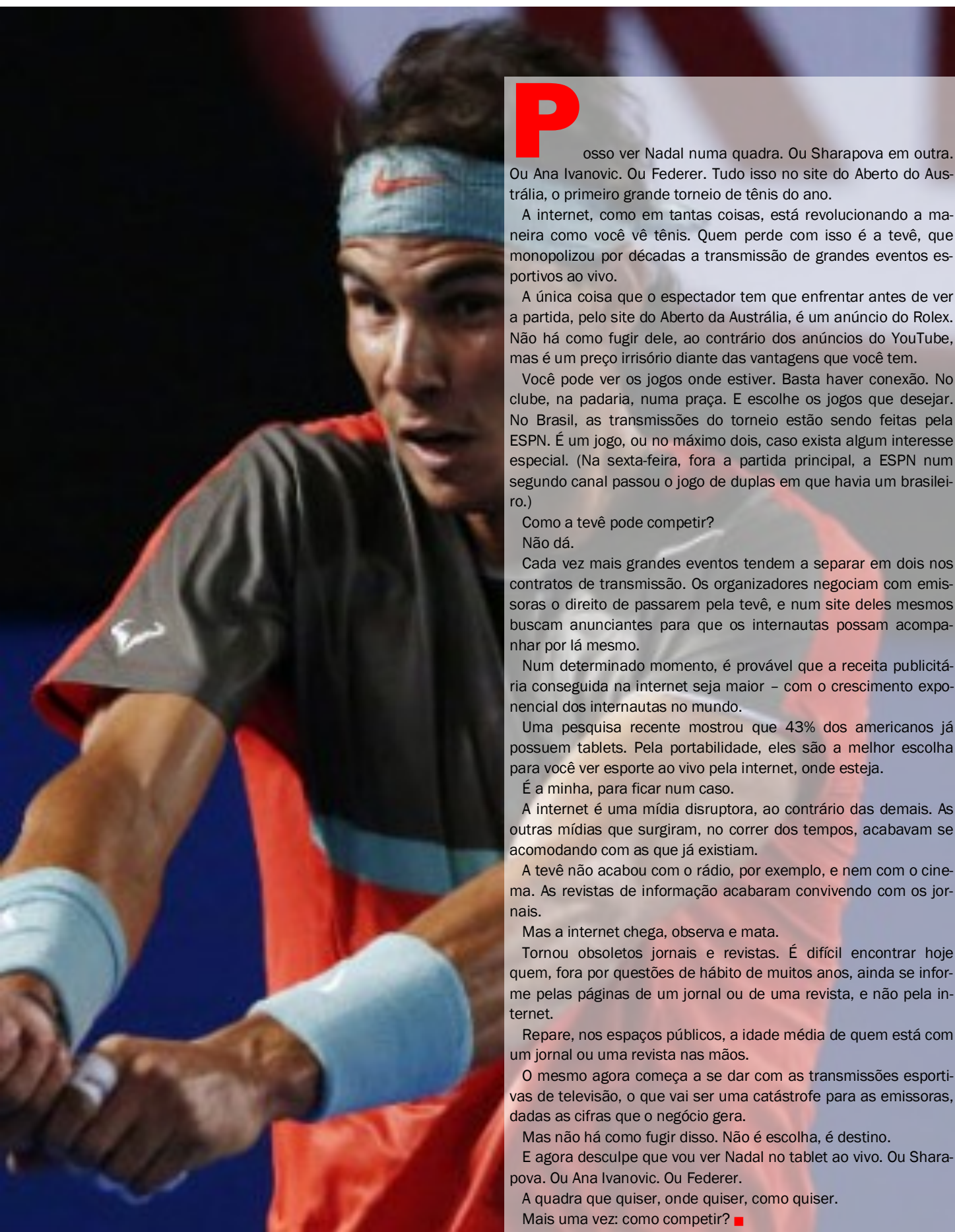
Rótulos nacionais também serão convidados. O mais barato é o da WayDog (da WayBeer) que custa R\$ 9 meio pint. Já o mais caro é o da Hardcore IPA (da BrewDog) que custa R\$ 22 meio pint de 284 ml. ■



Como a Internet revoluciona as transmissões esportivas

Quem perde com isso é a TV, que monopolizou por décadas a veiculação de grandes eventos ao vivo.

Por PAULO NOGUEIRA



P

osso ver Nadal numa quadra. Ou Sharapova em outra. Ou Ana Ivanovic. Ou Federer. Tudo isso no site do Aberto do Austrália, o primeiro grande torneio de tênis do ano.

A internet, como em tantas coisas, está revolucionando a maneira como você vê tênis. Quem perde com isso é a tevê, que monopolizou por décadas a transmissão de grandes eventos esportivos ao vivo.

A única coisa que o espectador tem que enfrentar antes de ver a partida, pelo site do Aberto da Austrália, é um anúncio do Rolex. Não há como fugir dele, ao contrário dos anúncios do YouTube, mas é um preço irrisório diante das vantagens que você tem.

Você pode ver os jogos onde estiver. Basta haver conexão. No clube, na padaria, numa praça. E escolhe os jogos que desejar. No Brasil, as transmissões do torneio estão sendo feitas pela ESPN. É um jogo, ou no máximo dois, caso exista algum interesse especial. (Na sexta-feira, fora a partida principal, a ESPN num segundo canal passou o jogo de duplas em que havia um brasileiro.)

Como a tevê pode competir?

Não dá.

Cada vez mais grandes eventos tendem a separar em dois nos contratos de transmissão. Os organizadores negociam com emissoras o direito de passarem pela tevê, e num site deles mesmos buscam anunciantes para que os internautas possam acompanhar por lá mesmo.

Num determinado momento, é provável que a receita publicitária conseguida na internet seja maior – com o crescimento exponencial dos internautas no mundo.

Uma pesquisa recente mostrou que 43% dos americanos já possuem tablets. Pela portabilidade, eles são a melhor escolha para você ver esporte ao vivo pela internet, onde esteja.

É a minha, para ficar num caso.

A internet é uma mídia disruptora, ao contrário das demais. As outras mídias que surgiram, no correr dos tempos, acabavam se acomodando com as que já existiam.

A tevê não acabou com o rádio, por exemplo, e nem com o cinema. As revistas de informação acabaram convivendo com os jornais.

Mas a internet chega, observa e mata.

Tornou obsoletos jornais e revistas. É difícil encontrar hoje quem, fora por questões de hábito de muitos anos, ainda se informe pelas páginas de um jornal ou de uma revista, e não pela internet.

Repare, nos espaços públicos, a idade média de quem está com um jornal ou uma revista nas mãos.

O mesmo agora começa a se dar com as transmissões esportivas de televisão, o que vai ser uma catástrofe para as emissoras, dadas as cifras que o negócio gera.

Mas não há como fugir disso. Não é escolha, é destino.

E agora desculpe que vou ver Nadal no tablet ao vivo. Ou Sharapova. Ou Ana Ivanovic. Ou Federer.

A quadra que quiser, onde quiser, como quiser.

Mais uma vez: como competir? ■

“Sem Gilmar, Dantas não teria virado o jogo”.

Rubens Valente, autor de "Operação Banqueiro" conta como o ministro do STF livrou o dono do Opportunity das acusações da Operação Satiagraha

Por SERGIO LÍRIO

C

om 24 anos de carreira, Rubens Valente é um dos repórteres mais premiados do Brasil. Rigoroso na apuração dos fatos, fiel na interpretação dos acontecimentos, construiu uma carreira respeitada no jornalismo. Durante mais de dois anos, Valente se dedicou à investigação que resultou no livro “Operação Banqueiro” (462 páginas, R\$ 44,90, Geração Editorial), um mergulho nos documentos e bastidores da Satiagraha. O subtítulo da obra resume o conteúdo escrito com habilidade e independência: “Uma trama brasileira sobre poder, chantagem, crime e corrupção. A incrível história de como o banqueiro Daniel Dantas escapou da prisão com apoio do Supremo Tribunal Federal e virou o jogo, passando de acusado a acusador”. A análise do livro pode ser lida na edição impressa de CartaCapital que chega às bancas nesta sexta-feira 10. Na entrevista a seguir, Valente fala do papel do então presidente do STF, Gilmar Mendes, na campanha contra a operação policial e a favor de Dantas e desmonta algumas versões mentirosas alimentadas com o único intuito de anular a condenação do banqueiro a 10 anos de prisão por suborno. “Operação Banqueiro” é uma ode à verdade factual e presta um grande serviço à democracia e ao jornalismo.



Na sua longa carreira de repórter, você se lembra de uma operação tão peculiar quanto a Satiagraha?

Rubens Valente: O aspecto mais grave foi a interdição da investigação, a impossibilidade de as autoridades levarem a apuração inteira até o final. Em termos gerais, a regra do jogo do processo penal no Brasil é simples: o delegado aponta evidências, o procurador acusa ou não, o juiz julga. Ao longo do processo, o réu se defende. Em caso de inocência, após o processo o réu pode buscar a punição dos responsáveis por um even-



tual erro judicial. Mas no caso da Satiagraha, o delegado foi proibido de investigar e o juiz foi impedido de julgar. O sistema foi brutalmente bloqueado, de modo a não funcionar, a não concluir sequer a apuração inicial. Ao longo de 24 anos como repórter, li e acompanhei algumas dezenas de inquéritos policiais. Mas nunca vi uma inversão de fatores tão dramática e na dimensão deste caso. Eu só posso qualificar o rumo dos acontecimentos como espantoso. Que dizer de um cidadão que não chega a ser julgado, mas em poucos meses passa a acusador em um processo contra o próprio delegado e o próprio juiz que o prenderam? É o sonho de todo investigado. As instituições estão em risco quando um acusado consegue impedir que a atribuição de um fato criminoso seja devidamente apurada até o fim pelos órgãos públicos. O bloqueio da Satiagraha foi um dos principais motivos do meu empenho neste livro, inclusive financeiro, pois todos os gastos, incluindo as viagens a três capitais e cópias de documentos, foram bancados com as minhas próprias economias.

Daniel Dantas não só conseguiu anular na Justiça a operação como leis e regras judiciais foram mudadas depois da ação policial, entre elas o uso de algema (a Lei Dantas), que passou a ser disciplinado. De onde provém tanto poder?

Até 2010, o Opportunity sequer constava nas listas de doadores das principais campanhas eleitorais registradas na Justiça eleitoral. Estranho que uma empresa com tantas relações no meio político não tenha colaborado para eleições até aquele ano. Mas certa vez um advogado de Dantas o descreveu como um indivíduo com boas relações com o Congresso, com os poderosos, uma pessoa “que se vira”. De fato, as relações de Dantas com políticos parece ser um traço fundamental na sua trajetória. Mas isso

não explica tudo. No livro procurei descrever as relações de amizade e acadêmicas de advogados de Dantas e do banco Opportunity com o ministro do Supremo Gilmar Mendes. Que durante a presidência do STF disse abertamente se opor ao que chamava de abusos do Ministério Público e da Polícia Federal. As coisas se juntaram. Sem Mendes na presidência do Supremo, nem todo o prestígio de Dantas teria sido capaz de reverter o jogo de forma tão espetacular. A alteração de regimentos se deveu ao empenho pessoal de Mendes, que chegou a convocar um “pacto social” e chamar o presidente da República “às falas”. Ele se tornou um ator fundamental no processo de desqualificação da Satiagraha. Partiu do Supremo o vazamento de um relatório, depois desmontado pelos fatos, que sugeria a existência de grampo sobre autoridades do tribunal. E partiu de Mendes a decisão de acolher a tese de que o juiz Fausto De Sanctis havia se “insurgido” contra o Supremo pelo simples fato de ter ordenado uma segunda ordem de prisão contra Dantas. Como se um juiz não pudesse julgar de acordo com sua consciência. A ideia de uma suposta “rebelia” comoveu outros ministros do STF, que chegaram a falar em “união” em defesa do tribunal. Como se o Supremo fosse um clube no qual os filiados devem “defender” uns aos outros, e não meramente analisar fatos e provas.

A introdução de “Operação Banqueiro” cita excessos e equívocos do delegado Protógenes Queiroz. Essas falhas eram suficientes para anular o processo?

A defesa do banqueiro se aproveitou dessas falhas. Mas o delegado muito mais acertou do que errou. Ele acertou ao elaborar e colocar em prática um plano que levou à documentação da oferta de suborno e à apreensão do dinheiro que seria usado como propina para ele e outro delegado do caso. Foi uma situação arrisca-

“Gilmar se tornou um ator fundamental no processo de desqualificação da Satiagraha”.



Indício de que o então presidente do STF, Gilmar Mendes, ou algum integrante do tribunal foi grampeado pela Polícia Federal ou pela Abin?

Sob vários pontos de vista (jornalístico, técnico, jurídico e mesmo ético), não é mais possível aceitar que essa suspeita continue a ser veiculada como fato, pois todas as imensas e complicadas investigações desencadeadas por diferentes órgãos públicos jamais localizaram qualquer prova telefônica ou ambiental sobre qualquer mi-

da, que ele soube concluir com sucesso. Acertou ao conseguir uma ampla interceptação de telefones e de comunicações por internet com ordem judicial que trouxe evidências importantes para a investigação. Acertou ao não se dobrar às dificuldades do inquérito, que tratava de temas variados e de certa complexidade técnica. Esses méritos, porém, foram ofuscados pela intensa campanha de desmoralização que ele e a Satiagraha sofreram em diversos níveis e por diferentes meios. Seus erros, por mais banais, acabaram amplificados à exaustão. Por quê? Porque ele era a peça mais fraca do inquérito, havia sido abandonado à própria sorte pela sua instituição, a Polícia Federal. Qualquer jornalista com alguma experiência em processos judiciais sabe que todo e qualquer inquérito policial, todo e qualquer, repito, contém certa dose de erros, imprecisões ou conclusões sem rigorosa base nos fatos. Mas o trabalho de um delegado é apenas uma parte do processo. O sistema judicial possui freios e contrapesos que permitem que as opiniões do delegado sejam verificadas por outras instâncias, a saber: o Ministério Público, o juiz e os advogados dos réus. O beabá de um advogado criminalista é descobrir esses erros e, por meio deles, tentar obter alguma vitória judicial, na estratégia de convencer o Judiciário sobre as “ilegalidades” da polícia. O jornalista isento que ler com paciência o inquérito da Satiagraha vai concluir que os erros cometidos pelo delegado ao longo da operação, talvez o principal deles tenha sido pedir a colaboração de agentes da Abin sem um respaldo superior da direção da Polícia Federal, jamais teriam a capacidade de levar à anulação da operação. Em situações normais de temperatura e pressão, seus erros poderiam ser censurados e corrigidos, mas não teriam qualquer repercussão em termos de legalidade.

Ao longo da apuração, você encontrou alguma prova ou

nistro do STF. Eu cuidei de verificar esse ponto quase à exaustão. Ouvi com atenção e a necessária dose de desconfiança integrantes da Operação Satiagraha, li as conclusões das investigações policiais, vi os laudos do material apreendido. Não há uma linha sequer sobre constatação de grampo contra autoridades do Supremo. Esses são os elementos concretos que integram o processo. Fora disso, só mesmo a paranóia, alimentada por um estranho silêncio das autoridades encarregadas de verificar a existências desses supostos grampos. A Polícia Federal e a Procuradoria Geral da República sabem muito bem que não existe prova alguma dos grampos, mas até hoje, mais de cinco anos depois, jamais vieram a público fazer o desmentido cabal. Nunca prestaram contas das investigações. Esse ato de transparência deveria ter ocorrido há muito tempo, pois instituições e figuras públicas foram colocadas em xeque.

E quanto as supostas ilegalidades cometidas pela Abin?

Li e reli várias vezes os diversos depoimentos e documentos que integram a Satiagraha e o inquérito aberto para apurar a participação da Abin. A única conclusão possível é que a Abin não usurpou o papel de investigação consagrado pela Constituição às polícias. A Abin não interceptou nenhum telefonema, não tomou nenhum depoimento e não requisitou ao juiz do caso nenhuma medida de qualquer natureza. Em suma, os agentes da Abin em momento algum conduziram o inquérito. Por todo o tempo a investigação continuou presidida pela autoridade policial, com a devida fiscalização do Ministério Público e sob os olhares do Judiciário. O papel dos agentes da Abin se restringiu a acompanhar e fotografar alvos nas ruas, ler emails interceptados por ordem judicial, transcrever conversas interceptadas com ordem judicial. Ou seja, era um papel meramente auxiliar. Um trabalho braçal. No

pen drive do delegado Protógenes foram apreendidos também documentos em word produzidos por agentes da Abin sobre algumas autoridades. Esses papéis, que incluem dados delirantes e informações de difícil comprovação, jamais foram anexados à Satiagraha. São imprestáveis como prova, tanto que o delegado não os juntou ao inquérito. E foi apenas esse o papel da Abin. Por que a eventual participação de agentes da Abin em certo ponto do inquérito poderia ser capaz de anular a operação inteira? Não há uma única participação, nem mesmo lateral, de



agentes da Abin no episódio do suborno de dois delegados federais. A alegação de que a mera e pontual ajuda de alguns agentes da Abin em qualquer ponto da investigação seja capaz de anular um processo inteiro é inteiramente risível. É, na verdade, um tapa na cara dos cidadãos brasileiros pagadores de impostos e cumpridores das leis. Os advogados falam na teoria importada dos EUA dos “frutos da árvore contaminada”. Diz a tese que um processo gerado por uma prova ilícita deve ser anulado pelo vício na origem. Ocorre que a participação dos agentes da Abin na Satiagraha nada teve a ver com a origem do processo, foi sempre posterior, e portanto a teoria é totalmente inválida.

Dantas já foi condenado fora do Brasil. Cortes britânicas e norte-americanas se referiram a ele em termos duros e o acusaram de fraude, entre outros crimes. No Brasil, a despeito da anulação posterior (agora em análise no Supremo), ele foi condenado em primeira instância por suborno. Seu nome também tem sido citado nos principais escândalos da era FHC e Lula. Ele continua, porém, a ser tratado em diversos círculos e por considerável parcela da mídia como um “empresário polêmico”. E apenas isso. Pelo seu livro, conclui-se que ele é mais do que polêmico, certo?

Dantas e o banco Opportunity aparecem referidos em diversos escândalos nos últimos anos: grampos do BNDES e as privatizações, caso do extinto banco Banestado, investigação privada da Kroll e a Operação Chacal, CPI dos Correios e o mensalão e, por fim, a Operação Satiagraha. Essa sequência de acontecimentos coloca o banqueiro como um dos principais personagens da história brasileira contemporânea. Tratá-lo como “polêmico” é um resumo pobre e impreciso. Ele foi acusado e investigado não por suas supostas “polêmicas”, mas por fatos e atos que podem e devem ser averiguados.

As relações de Dantas com o PSDB foram retratadas em varias reportagens e livros ao longo das ultimas décadas. "Operação Banqueiro" acrescenta novas e interessantes provas dessa relação umbilical. O banqueiro, por outro lado, sempre se declarou perseguido pelo PT, mas os interesses do Opportunity e do partido se entrelaçam na Satiagraha. Você chegou a buscar explicações para os motivos de os petistas terem saído em apoio ao banqueiro e participarem da força tarefa para desacreditar a operação?

A Satiagraha veio a público em abril de 2008, no mesmo período de intensas negociações entre os fundos de pensão ligados ao PT, a telefônica Oi e o banqueiro com vistas à criação da gigante da telefonia BrOi. Havia um interesse público e manifesto do governo na criação da nova supertele, uma operação que acabou possível após um ato do próprio presidente Lula. Creio que as investigações da Satiagraha chegaram num péssimo momento para os interesses do governo, que queria logo concluir aquela fusão. Isso pode ter contribuído para a extrema má vontade do governo em relação ao inquérito policial. Por outro lado, Dantas havia conseguido se aproximar de petistas históricos. No livro procurei descrever o papel de dois desses petistas no processo de criação da BrOi. Houve um segundo fato: em 2008, a Polícia Federal havia incomodado muitos interesses de políticos de vários partidos, incluindo petistas e integrantes da base aliada. E a “tolerância” do PT e do governo em relação à PF havia chegado ao ponto máximo um ano antes, quando uma equipe de policiais invadiu a casa do irmão de Lula na Grande São Paulo. Por sua vez, Lula havia superado, do ponto de vista da sua imagem diante o eleitorado, o trauma da acusação do mensalão, e não estava tão dependente das ações espetaculares da polícia, que davam ao governo um discurso anti-corrupção.



Dantas recorre a uma teoria conspiratória para se defender. Diz-se vítima da união de interesses políticos e econômicos de integrantes do PT, seu desafeto Luis Roberto Demarco e a Telecom Italia. Ele tem usado esse argumento para tentar influenciar processos contra ele no Brasil. Nos últimos anos, ele e seus advogados se referem a um inquérito em Milão que investigou e puniu funcionários da Telecom Italia por espionagem. Esse inquérito sempre é evocado em diversos processos pelo Opportunity. Ao longo de sua pesquisa, encontrou alguma evidência dessa conspiração ou alguma relação entre os processos no Brasil e a investigação italiana?

Tive acesso e verifiquei milhares de páginas que integram a investigação realizada na Itália, incluindo os extensos depoimentos dos principais envolvidos. Como digo no livro, o Opportunity enfrenta sérias e talvez incontornáveis dificuldades para demonstrar uma prova objetiva sobre a alegada corrupção de autoridades do Brasil por funcionários da Telecom Italia de modo a “perseguir” o banco brasileiro. Até o momento, essa hipótese não passa disso, uma simples suspeita sem confirmação. Nos autos há apenas referências indiretas e imprecisas. Mas os advogados do Opportunity passaram a manobrar esse fantasma para relacionar a investigação no Brasil à outra da Itália, exigindo que uma acusação só fosse investigada depois da outra. É como se um motorista atro-

pelasse alguém na rua e, quando encontrado pela polícia, alegasse ao juiz: “Lá na Itália uma pessoa disse que esse delegado que me prendeu aqui está me perseguindo. Então eu só posso ser acusado do atropelamento se antes vocês investigarem esse delegado”. É um argumento juridicamente absurdo. Mas que ganhou guarida em variados meios.

No relatório da Satiagraha, Protógenes Queiroz dedica um capítulo às relações de Dantas com a mídia. Como você definiria essa relação?

O foco do meu livro são as provas, acusações e explicações do caso Satiagraha e não o papel da mídia, embora ela seja um personagem presente em toda a narrativa. Eu também entendi que o debate sobre o papel da mídia na cobertura da Satiagraha havia sido extenso e intenso na internet, por meio de blogs e sites e outras publicações, como CartaCapital, que remaram contra a maré, e por isso eu não precisava gastar páginas que poderiam ser usadas para avaliar outros aspectos do caso. Mas ao longo do livro eu procurei demonstrar diversas imprecisões e enganos divulgados pela mídia que acabaram por ajudar as posições do Opportunity. Outro aspecto notável foi ver que boa parte da mídia não viu nenhum problema na paralisação e anulação do caso Satiagraha, considerando-os fatos quase rotineiros, mas que de banais nada tinham. ■

Fabiana Leis























Como conquistar uma tímida

Essas mulheres necessitam de mais espaço e uma abordagem menos agressiva – não vá pensando que você será o homem que a tirará de seu castelinho.

Por EDUARDO SANTORINI





Muitas das frequentadoras típicas dos lugares mais badalados da cidade são atiradas, já que não apresentam conflitos de auto-estima e se sentem confiantes em espaços lotados. Quando as mulheres estão conscientes de seu charme, raramente apresentam qualquer timidez ou nervosismo em relação ao sexo oposto.

No entanto, de vez em quando você encontrará moças quietas, tímidas e ligeiramente inseguras em relação a si mesmas, aquelas que simplesmente não se sentem confortáveis sendo o centro das atenções. Pode ser extraordinariamente difícil chegar perto destas mulheres, principalmente porque são verdadeiras experts na auto-defesa – porém, há maneiras para fazer isso. Aqui vão algumas 6 dicas de como conquistar uma mulher tímida.



1# Não tente mudá-la

Se ela é tímida, deixe que ela o seja. Por alguma razão desconhecida, os homens acreditam que por baixo dessa superfície exterior há uma tigresa desinibida esperando tão somente que alguém a libere de sua jaula. E muitos caras simplesmente pressupõem que são justamente eles que abrirão a prisão e a liberarão.

Este mito sobrevive devido ao grande ego masculino. Nem todas as mulheres têm tendências de estrela pornô por baixo de uma blusa conservadora. Deixe de lado todos os movimentos de avanço agressivos e veja, simplesmente, se você consegue arrancar um sorriso dela. Mantenha a conversa tranquila e seja despretensioso. No entanto, desperte seu interesse de todas as maneiras possíveis.

2# Aborde tópicos que ela gosta

Se você quer conquistar uma garota tímida você não pode se engajar num comportamento escancarado de paquera. Seus olhares, evidentemente, terão um papel importante. No entanto tente descobrir tópicos de interesse da mulher, que ela tenha total confiança e domínio. Isso irá ajudá-la a se soltar mais durante a conversa. E tenha certeza de que está mostrando interesse, mesmo que o hobby dela seja a jardinagem.

3# Dê tempo ao tempo

Se você quer conquistar uma mulher tímida é melhor que esteja

preparado para esperar sentado por algum tempo. Esta garota provavelmente não rirá de suas piadas, não demonstrará muito interesse e nem se abrirá tão rapidamente. Você vai ter que provar que é um cara confiável.

Ela não se comprometerá, nem fará nenhuma oferta até que se convença de que você vale a pena. Portanto, é hora de travar uma conversa e envolver-se mais no aspecto mental. Este é um processo delicado e você deve proceder com cuidado até que a tenha conquistado.

4# Escolha um local tranquilo

Mesmo um homem experiente deve admitir que bares e baladas lotadas podem ser horrivelmente intimidantes se a mulher não está habituada com esses ambientes. Uma moça tímida, devido a sua própria natureza, não costuma ser uma frequentadora regular desses lugares e isso provavelmente aumentará sua inibição.

Ao marcar um encontro, prefira um local mais tranquilo. É provável que ela fique mais confortável sentada em uma cafeteria, participando de uma conversa agradável, com um cara legal. Desta forma, ela não está constantemente consciente de todos ao seu redor e você não precisa gritar para ser ouvido.

5# Disfarce o seu entusiasmo

É provável que uma mulher tímida fique em alerta diante de qualquer homem que se identifique como um predador. Se você age com o repertório padrão de um mulherengo, ela provavelmente

Tente descobrir tópicos de interesse da mulher.



te não irá se adaptar ao seu estilo. Nesse cenário você perderá a mulher em poucos segundos. Você precisa recuar, dar-lhe espaço, deixar que ela

te não irá se adaptar ao seu estilo. Nesse cenário você perderá a mulher em poucos segundos. Você precisa recuar, dar-lhe espaço, deixar que ela

6# O enfoque da retranca

Não é fácil saber como ganhar uma mulher tímida por conta, principalmente, das barreiras que ela pode levantar. Ela é realmente uma graça, mas sua personalidade pode ser exatamente o oposto da maioria das mulheres que você encontra nos locais agitados. E é por isso que você necessita de um enfoque totalmente novo. Internalize estas dicas, seja flexível e cordial, e você terá uma maior probabilidade de causar um impacto positivo. ■

vá se aquecendo com seus avanços sutis e, acima de tudo, manter a compostura. Ela não responderá bem a um comportamento

O troco



Trote de universidade é sempre "inesquecível". Pra quem dá o trote nos novatos. Quem recebe o trote, quem é a vítima da brincadeira não consegue achar a mesma graça que os veteranos acreditam existir. E o pior é que eles devem esperar chegar até o último período para aplicar suas brincadeiras em quem não teve nada a ver com o assunto.

Penso que isso é um tipo de relação assimétrica: a verdadeira graça está em armar a peça, não em ser a vítima dela. E uns foram estabelecidos como vítimas, enquanto outros aceitam muito bem seu papel de algozes. Depois de algum tempo, a vítima será algoz. E o algoz será um formado que não tem mais nada a ver com a história. Possivelmente nem lembrará do "inesquecível" trote que aplicou nos novatos anos atrás.

Acho isso muito absurdo. A gente banalizou tanto a "diversão" com os novatos que ela nem faz diferença mais, virou uma coisa de rotina. Tão de rotina que ficou até chata. No trote que ocorreu na ETEC em que estudo, pouquíssimas pessoas do meu último módulo apareceram. A escola tinha gente o suficiente pra encher uma Kombi. A maioria das pessoas preferiu descansar em casa, fugir do calor insuportável e deixar aquela Kombi atirando tinta e pedindo dinheiro sozinha.

Mas por que tudo isso? Será culpa daquela patrulha invisível do "politicamente correto"? Eu acho que o pessoal não sente mais aquela animação em fazer parte das mesmas brincadeiras de sempre. Dia mais, dia menos, uma piada perde a graça. Como a gente poderia despertar novamente o interesse dessas pessoas em tais atividades? Eu arrisco um palpite: criando uma espécie de troco.

Explico: a emoção de fazer esse tipo de coisa foi totalmente perdida e é preciso reacender a chama da paixão por humilhar uma pessoa que entra na escola. O troco seria um grande estímulo para novos alunos participarem do evento, algo que poderia incentivar a presença de mais veteranos. E é sempre muito emocionante a expectativa de saber como será desmontada sua brincadeira, o frio na barriga compensa.

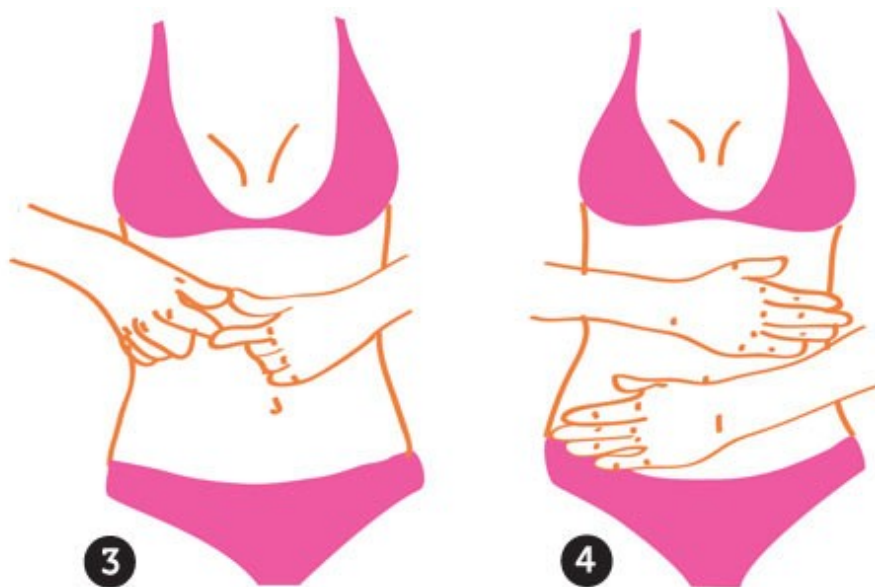
Uma relação mais simétrica no trote é algo que seria revolucionário para todos os envolvidos. Imagi-

ne só: um grupo de veteranos faz uma menina pedir dinheiro dançando "Show das Poderosas" no farol. Se ela consegue, pode pedir pra um veterano fazer uma coreografia daquelas bandas de meninas japonesas em público. A sensação de ser humilhado serve para ambos. E o trote se tornará novamente inesquecível - em parte por causa da vergonha pela qual o veterano passará.

Espero ter contribuído para que esse delírio coletivo de achar divertido humilhar uma pessoa não morra assim tão facilmente. No país em que CQC é humor inteligente, as pessoas só se divertem expondo alguém ao ridículo. Então, que todos façam isso com todos. A outra opção viável é substituir os trotes por um rolezinho, mas eu não acho que a reação está disposta a fazer essas coisas de vândalos. Não, pera aí...

MÔNICA DE SOUZA é baranga com orgulho e não tem emprego. Usa esta coluna pra falar mal dos outros.

Dieta Já!



Minhas tias eram todas gordinhas. Minhas vizinhas, as mais novas e as mais velhinhas. Os homens também eram todos barrigudinhos, meus tios e meus vizinhos. Comia-se muito brigadeiro, muito cajuzinho, muito canudinho. No Mercado Central, comia-se muito torresminho, muito salgadinho, bebia-se muita cervejinha. Tudo isso sem a menor dor na consciência. Só fui me tocar que havia regime quando Caetano cantou pela primeira vez na televisão “...bota o café com Suíça/eu tomo!”

Foi então que fui procurar saber o que era Suíça, e me disseram que era um adoçante que não deixava ninguém engordar. No país em que fritava-se tudo com banha de porco e a margarina tinha o nome de Saúde, de repente, decretaram guerra ao açúcar e a tudo que era imoral e engordava. Da rabada ao biscoitinho. Da feijoada ao pãozinho.

Folhear revista velha dá nisso. Essa semana estava aqui mergulhado em meio a um milhão de revistas, quando caiu na minha mão uma O Cruzeiro lá dos tempos de Getúlio Vargas. Uma reportagem de página inteira cujo título era a seguinte pergunta: “Você quer engordar?” Levei um susto. Parei, olhei, comecei a ler. Era uma matéria dizendo que muitas mulheres, devido à vida agitada daqueles tempos modernos que estavam começando a ter, não

conseguiram engordar. Sim, todas já queriam ser cheinhas, bonitas, gostosas e poderosas. Enfim, a reportagem de O Cruzeiro deixava bem claro: Chega de ser magrela e feia!

Como nessas reportagens de hoje, sempre acompanhadas de dicas, aquela da O Cruzeiro de David Nasser e do Amigo da Onça também dava dicas para você ir engordando aos poucos, sem estresse e sem fazer muito esforço. Acompanhe comigo as dicas do “Programa para engordar, a ser seguido durante as férias” que estavam ali naquela página em preto e branco daquela que era a maior revista semanal do país. Vamos lá!

- 07h00 – Levante-se cedo para ter fome à hora do café. Faça

exercícios respiratórios, tome um banho frio e faça alguns servicinhos de casa.

- 08h30 – Café bem farto, depois um divã (costura ou leitura) até as 11 horas.

- 11h00 – Saída, passeio a passos lentos.

- 12h00 – Meia hora de relaxação muscular antes de almoçar.

- 12h30 – Almoço leve. Mastigue bem, cuidadosamente, não leia, não ouça rádio.

- 13h30 – Sesta, repouso até as 17 horas.

- 17h00 – Duas horas de exercícios fortes ou de esporte (Tênis, natação, caminhadas).

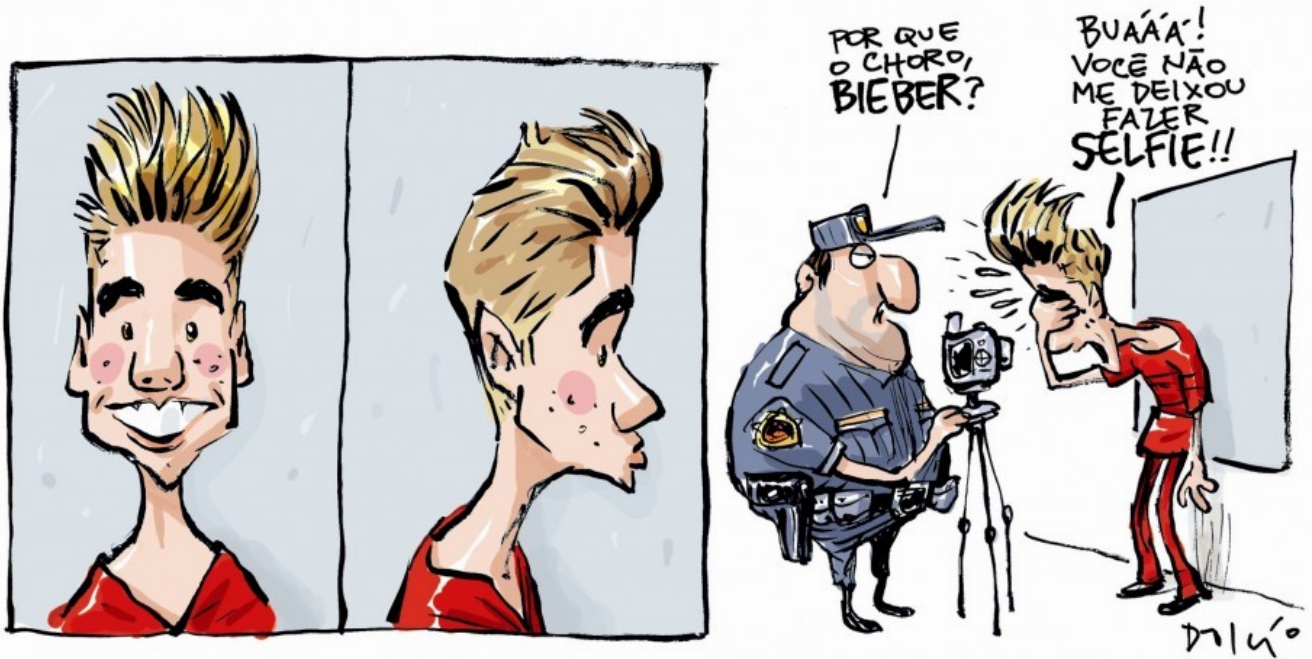
- 19h00 – Meia hora de relaxação antes do jantar.

- 19h30 – Jantar farto. Em seguida, um pequeno passeio. A hora de dormir, haja o que houver, não deve passar das 21 horas.

- 21h00 – Dormir.

Confesso que li, reli e não consegui entender direito esse regime para engordar, receita da revista O Cruzeiro. É nisso que dá ficar folheando revista velha numa tarde de segunda-feira em pleno dois mil e quatorze.

CHARGE



BeCool

Editor e curador: Gui Adn

Redação: Mônica de Souza.

Fontes: El Hombre, CartaCapital, YouTube, Adorocinema, Milenio, La Patilla, Expediente Noticias, Terra, Livraria Saraiva, Guia da Semana e Veja São Paulo.

MAIS
+

REVISTAS

Mais Revistas

Rua Paulo Robell, 53, casa 1, São Paulo, SP.

CEP: 04160-160

Contato apenas por e-mail: adngui@gmail.com

46 revistabecool.blogspot.com

LEIA TAMBÉM



- O Facebook causa depressão?
- A batalha da Maria Antônia ainda não acabou
- Camila Oliveira, a ring girl que mostrou a que veio
- A insanidade que prejudica o clima
- A CBF brinca com fogo
- A Miss Mundo Surda Thaisy Payo mostra por que ganhou o título

Inscriva-se

issuu.com/dddgilvan

twitter.com/becoolmagazine

fabecook.com/RevistaBecool

